ipea Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

Título do capítulo	CAPÍTULO 5 – IMPACTOS DA PANDEMIA DE COVID-19 NA COOPERAÇÃO INTERNACIONAL BRASILEIRA
Autores(as)	Renato Baumann Rafael Schleicher Jhonatan Ferreira José Alejandro Barrios Priscilla Mayna Santana
DOI	http://dx.doi.org/10.38116/978-65-5635-038-7/capitulo5

Título do livro	COOPERAÇÃO INTERNACIONAL EM TEMPOS DE PANDEMIA: RELATÓRIO COBRADI 2019-2020
Coordenador(as)	Renato Baumann
Volume	-
Série	-
Cidade	Brasília
Editora	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea)
Ano	2022
Edição	-
ISBN	978-65-5635-038-7
DOI	http://dx.doi.org/10.38116/978-65-5635-038-7

© Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – ipea 2022

As publicações do Ipea estão disponíveis para *download* gratuito nos formatos PDF (todas) e EPUB (livros e periódicos). Acesse: http://www.ipea.gov.br/portal/publicacoes

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério da Economia.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

CAPÍTULO 5

IMPACTOS DA PANDEMIA DE COVID-19 NA COOPERAÇÃO INTERNACIONAL BRASILEIRA

1 INTRODUÇÃO

Com base na leitura dos dados da cooperação internacional brasileira apresentados até aqui, houve clara redução dos montantes dispendidos em 2020, em comparação com o ano anterior. É possível argumentar que essa redução seria até certo ponto previsível, uma vez que em 2020 as restrições sanitárias de precaução contra a propagação da pandemia de covid-19 afetaram diversas atividades, inclusive os deslocamentos de técnicos, o que certamente atingiu diversas iniciativas.

A partir dessa percepção, para este livro, procuramos obter alguma informação adicional, ilustrativa dos efeitos da pandemia sobre a cooperação internacional do Brasil. Isso foi feito mediante envio de questionários *on-line* para diversas agências do governo brasileiro, como descrito na seção 2.

Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou publicamente que o mundo se encontrava oficialmente diante de uma pandemia com características inéditas. A primeira delas era relacionada ao fato de que, pela primeira vez na história, uma pandemia era causada por um vírus do tipo coronavírus, o Sars-COV-2. Embora historicamente restrito a outros mamíferos e aves, os coronavírus não eram conhecidos por seus sintomas em humanos, como demonstraram os casos dos surtos de síndrome respiratória aguda severa (Sars-COV), em 2003, e da síndrome respiratória do Oriente Médio (Mers-COV), em 2012. A segunda característica estava associada ao potencial de crescimento exponencial das contaminações em escala planetária, em virtude do nível de integração e mobilidade de pessoas entre países.

Embora o potencial de disseminação do vírus fosse alto e, de forma geral, as condições de combate à transmissão existissem na maioria dos países, somente a articulação em nível global poderia apoiar a provisão coordenada do bem público relacionado à saúde coletiva dos povos. De fato, e além do plano de resposta lançado em fevereiro de 2020 (WHO, 2020a), a própria OMS lançaria em março uma estratégia para coordenar as prioridades de curto e médio prazos em pesquisa, compartilhamento e acesso a dados, além do desenvolvimento de vacinas (WHO, 2020b). Em setembro de 2020, a Organização das Nações Unidas (ONU)

divulgou uma estratégia que acrescentava aos esforços já conduzidos pela OMS um plano de coordenação das medidas para lidar com os efeitos socioeconômicos da pandemia e ações de fortalecimento da Agenda 2030 (UN, 2020).

É importante notar que, se, por um lado, a pandemia causou contaminações e mortes em uma escala sem precedentes; por outro, o cronograma para o desenvolvimento das primeiras vacinas foi igualmente impressionante. Dados da OMS mostram que, até o fim de agosto de 2021, cerca de 215 milhões de pessoas haviam sido contaminadas em todo o mundo, sendo que aproximadamente 4,5 milhões vieram a óbito (WHO, 2021). Contudo, até essa mesma data, também foram estimadas cerca de 5 bilhões de doses de vacinas aplicadas em todo o mundo, embora de forma bastante desigual entre os países. A condução de campanhas de vacinação em escala massiva e global só foi possível pela coordenação e pelo trabalho conjunto de cientistas de todo o mundo. Diversos países como os Estados Unidos e o Reino Unido já aprovavam o uso emergencial das primeiras vacinas em agosto de 2020, passando a ministrar as primeiras doses em dezembro de 2020.

No Brasil, e embora haja pequena divergência entre os dados oficiais disponíveis e os dados fornecidos pelo Conselho Nacional de Secretários de Saúde (Conass), a data de registro dos primeiros casos de covid-19 ocorreu entre fevereiro e março de 2020. Estima-se que, entre 26 de fevereiro de 2020 e 31 de agosto de 2021, houve quase 21 milhões de casos de covid-19 no Brasil, sendo que nesse período 580 mil pessoas vieram a óbito. Ao mesmo tempo, estima-se que quase 20 milhões de indivíduos tenham se recuperado da infecção. A partir desses dados, infere-se que o Brasil possuía a maior taxa de mortalidade da doença no mundo, chegando a 276,19 por 100 mil habitantes em 31 de agosto de 2021.[1] Igualmente entre as maiores do mundo, a taxa de letalidade da doença no Brasil, até 31 de agosto de 2021, seria estimada em 2,86%.[2] Considerando as correções propostas pela OMS, a taxa de letalidade de casos clínicos calculada para 31 de agosto de 2021 ficaria em 2,85% (WHO, 2020c). É importante salientar que diversos fatores referentes à qualidade dos dados e das características da população podem afetar as estimativas (Brazeau *et al.*, 2020; Ioannidis, 2021).

Em vista do cenário de coordenação global para o combate à doença e os esforços nacionais para atender às necessidades mais imediatas de tratamento dos infectados, é razoável considerar que essa agenda de cooperação internacional obteve prioridade em 2020 e 2021. De fato, e ao menos inicialmente, seria igualmente possível sugerir que a pandemia também poderia ter influenciado os investimentos dos países do Comitê de Ajuda ao Desenvolvimento (Development Assistance

1. A taxa de mortalidade representa o número de óbitos por covid-19 divido pelo número total da população do Brasil.
2. A taxa de letalidade representa o número de óbitos pelo número de casos de covid-19 no Brasil.

Committee – DAC) da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) em Assistência Oficial ao Desenvolvimento (AOD).

Segundo dados do DAC/OCDE e considerando a variação do investimento entre 2018 e 2019, já se notava uma queda de investimento em AOD em ao menos dezessete países, incluindo países tradicionais como Austrália, Holanda, Estados Unidos e Alemanha. Entre 2019 e 2020, novamente dezenove países demonstram queda nos investimentos em AOD, sendo em alguns deles a segunda queda consecutiva, como Holanda e Austrália. Outros países, como Reino Unido e Coreia do Sul, também exibiram quedas de 6,6% e 9,0%, respectivamente.

Especificamente em relação ao investimento brasileiro em Cooperação Sul-Sul para o Desenvolvimento (CSSD), e conforme comentado nos capítulos precedentes, nota-se uma drástica redução do investimento entre 2019 e 2020. Corrigindo os valores de 2019 de acordo com o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), estima-se que a queda (ou adiamento) nos dispêndios brasileiros com CSSD no período 2019-2020 alcança 43%.

De uma forma geral, seria possível atribuir grande parte da queda do investimento brasileiro em CSSD à situação de pandemia. Em primeiro lugar, em virtude dos deslocamentos dos esforços de cooperação de agentes brasileiros para a agenda global de saúde e pesquisa e desenvolvimento em saúde. Em segundo lugar, igualmente pela reorientação de esforços nacionais para o combate à pandemia em todos os níveis da Federação, considerando-se a gravidade da situação descrita nos parágrafos anteriores.

Sabendo previamente dos possíveis efeitos da pandemia na cooperação internacional brasileira e considerando que a análise preliminar dos dados coletados das instituições nacionais sugeriam que os efeitos da pandemia foram sentidos em termos de mudanças de prioridades das organizações, alterações em estratégias de gestão/coordenação das atividades de cooperação internacional, além dos efeitos da própria doença nas equipes de trabalho, optou-se por conduzir uma pesquisa ampla com as instituições federais brasileiras para estudar em mais detalhes as características e os efeitos da pandemia na cooperação internacional brasileira.

Relembrando a discussão conceitual proposta no capítulo 2, é relevante esclarecer que a pesquisa sobre os impactos da pandemia se concentrou na cooperação internacional brasileira. Ou seja, tanto a cooperação para o desenvolvimento (prestada e recebida) quanto os demais esforços internacionais brasileiros para a provisão de bens públicos globais estão contemplados na amostra analisada. Pelo alcance da pandemia e a interdependência entre processos e agendas global-nacional, acredita-se que seus impactos são mais bem compreendidos de forma agregada.

2 A PESQUISA *IMPACTOS DA PANDEMIA NA COOPERAÇÃO INTERNACIONAL DO BRASIL*: RESULTADOS PRELIMINARES

A pesquisa *Impactos da Pandemia na Cooperação Internacional do Brasil* correspondeu à necessidade de interpretação dos efeitos da pandemia nas atividades de cooperação internacional do Brasil. A pergunta central que orientou a pesquisa foi "Como a pandemia afetou a cooperação internacional brasileira?". Naturalmente, e por se tratar de uma pesquisa exploratória, o esforço investigativo foi construído em torno de um objetivo central: identificar as variáveis e os fatores que ajudam a interpretar os efeitos da pandemia na cooperação internacional brasileira no biênio 2019-2020.

Em virtude de ser uma situação inédita tanto do ponto de vista epidemiológico quanto de cooperação internacional, assumiu-se que os impactos imediatos da pandemia na cooperação internacional do Brasil poderiam ser estudados a partir de quatro variáveis centrais.

A primeira variável, intitulada *prioridades organizacionais*, diz respeito à capacidade de restruturação das atividades da unidade de cooperação internacional, a partir de reorientação estratégica proposta pela instituição pública federal. A segunda variável, intitulada *nível de digitalização*, está relacionada aos aspectos de adaptação das atividades de cooperação internacional ao ambiente digital, tanto em termos de infraestrutura de tecnologia da informação (TI) quanto em termos de redesenho de processos de trabalho mediado por plataformas digitais. A terceira variável, denominada *número de infectados*, representa o número de trabalhadores da unidade de cooperação internacional infectados pelo vírus da covid-19. Por fim, a quarta variável, denominada *rede de parcerias*, diz respeito ao tamanho da rede de parceiros da unidade de cooperação internacional.

O quadro 1 resume as variáveis que orientaram a pesquisa. Havia interesse também em identificar outras variáveis ou aspectos que ajudassem a cumprir o objetivo central do estudo.

QUADRO 1
Descrição das variáveis da pesquisa (2021)

Nome	Variável	Tipo
Prioridades organizacionais	Qualitativa	Nominal – binária
Nível de digitalização	Qualitativa	Ordinal
Número de infectados	Quantitativa	Discreta
Tamanho da rede de parcerias	Quantitativa	Discreta

Fonte: Pesquisa *Impactos da Pandemia na Cooperação Internacional Brasileira*.
Elaboração dos autores.

Embora a pesquisa tivesse caráter primordialmente exploratório, as quatro variáveis descritas anteriormente foram escolhidas tanto para ajudar na orientação da coleta de dados quanto pelo fato de se acreditar que elas – no conjunto – ajudariam a entender se as atividades e os trabalhadores da cooperação internacional constituem caso especial de interesse no contexto da pandemia. É considerado um modelo descritivo em que a variável dependente *número de infectados* é interpretada a partir do comportamento das variáveis *prioridades organizacionais*, *nível de digitalização* e *rede de parcerias*. Com base nessa ideia, elaboram-se as hipóteses sobre a relação entre a variável dependente e as possíveis variáveis independentes, conforme a seguir.

1) Prioridades organizacionais: se houve mudança/reestruturação de atividades, menor o número de infectados. A direção da relação se deve ao pressuposto de que alterações em estratégia necessariamente estão ligadas ao equilíbrio entre produtividade do setor e proteção da saúde do trabalhador.

2) Nível de digitalização: quanto maior o nível de digitalização, menor o número de infectados. A direção da relação entre as variáveis presume que, quanto maior a digitalização, menor a exposição da força de trabalho ao contato direto com outras pessoas potencialmente infectadas.

3) Rede de parcerias: quanto maior o tamanho da rede, maior o número de infectados. A relação direta entre as variáveis deve-se à premissa de que, quanto maior a rede de parcerias, maior a dificuldade de adaptação dos processos de trabalho, em virtude do volume e da complexidade dos arranjos de gestão.

Outro aspecto importante relacionado ao desenho da pesquisa é referente à definição da unidade de análise. De fato, o desenho da pesquisa assume como possível uma amostragem de conveniência do universo de unidades organizacionais responsáveis pela cooperação internacional do Brasil. Entretanto, há pouca segurança sobre o tamanho real da população constituída pelas unidades de cooperação internacional no governo federal brasileiro. Em virtude do estágio avançado de internacionalização de diversas instituições públicas e o alto grau de internalização de processos referentes à cooperação internacional em políticas públicas setoriais, seria imprudente presumir que cada uma das 163 instituições públicas federais mapeadas dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário possuiriam apenas uma unidade organizacional. Assumindo que seria impossível prever o número de unidades organizacionais com informação disponível, decidiu-se delegar essa decisão a cada um dos órgãos contatados para a pesquisa, como parte da estratégia de coleta de dados.

A estratégia de definição do universo de pesquisa e coleta de dados contou com duas fases. Na primeira, foi feita ampla consulta às bases de dados disponíveis

para listar todas as instituições que potencialmente constituiriam o universo de pesquisa, obtendo-se 163 instituições públicas dos três poderes. Entretanto, e em virtude do fato de o instrumento de coleta ter sido definido como *survey on-line*, o universo de pesquisa foi diminuído para 123 instituições federais que possuíam barramento via Sistema Eletrônico de Informações (SEI). O *link* para acesso ao formulário eletrônico foi enviado a cada instituição por ofício eletrônico em dois lotes, um em 7 de julho de 2021 e outro em 29 de julho de 2021.

O questionário foi construído em torno das quatro variáveis centrais descritas, sem prejuízo da inclusão de diversas questões abertas que permitiram aos respondentes incluir mais detalhes sobre as respostas a perguntas de curso forçado. O questionário, elaborado na plataforma *on-line* Limesurvey, teve essencialmente três versões entre os meses de abril, maio e junho de 2021. Todas as versões foram testadas por especialistas e práticos da cooperação internacional do Brasil, tanto para questões referentes à linguagem quanto ao conteúdo e conceitos operacionais. A coleta de dados foi iniciada em 7 de junho de 2021 e encerrou-se em 31 de agosto de 2021, tendo sido computados 330 acessos ao questionário e 71 respostas completas. A análise descritiva das respostas é apresentada na seção 3, a seguir.

3 ANÁLISE DAS RESPOSTAS

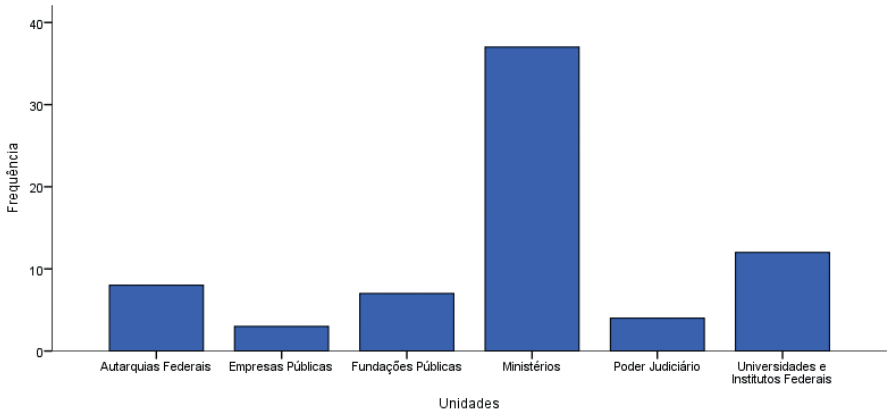
Apesar de ser um prazo de coleta de dados curto em comparação à complexidade e à morosidade do canal escolhido para acessar a amostra de respondentes, a pesquisa alcançou uma amostragem razoável. Entre as 123 instituições contatadas via ofício, 50 forneceram respostas completas, representando uma taxa de resposta de 40,65%. Caso seja considerado o universo de todas as 163 instituições federais mapeadas, a taxa de cobertura seria de 30,67%.

Conforme será discutido, a pesquisa recebeu 71 respostas completas únicas, o que representaria de uma a duas respostas por instituição federal. Contudo, essencialmente todas as 21 respostas adicionais as 50 respostas completas representam unidades de cooperação internacional de ministérios. As estruturas ministeriais são complexas, sendo que diversos ministérios lidam com múltiplas agendas de políticas públicas, como é o caso do próprio Ministério da Economia (ME). Por essa razão, é razoável considerar que haveria mais de uma unidade de cooperação internacional quando as competências e a estrutura da instituição participante são complexas. Finalmente, é importante reiterar que as próprias secretarias executivas ou gabinetes das 123 instituições que receberam o convite via SEI escolheram as unidades de cooperação internacional que deveriam participar da pesquisa.

Em relação à categorização das respostas recebidas, optou-se por uma classificação mais próxima do direito administrativo. Além de se tratar de tema sensível, o da pandemia de covid-19, a categorização por respondente criaria complicações

do ponto de vista de análise agregada e tampouco traria benefícios adicionais para entender os impactos da pandemia na cooperação internacional. Portanto, o gráfico 1 classifica os respondentes a partir de seis categorias. Pelos motivos já apontados, os ministérios do Executivo federal representam 37 das 71 respostas recebidas pela pesquisa.

GRÁFICO 1
Unidades de cooperação internacional por tipo de instituição (2021)



Fonte: Pesquisa *Impactos da Pandemia na Cooperação Internacional Brasileira*.
Elaboração dos autores.
Obs.: Gráfico cujos leiaute e textos não puderam ser padronizados e revisados em virtude das condições técnicas dos originais (nota do Editorial).

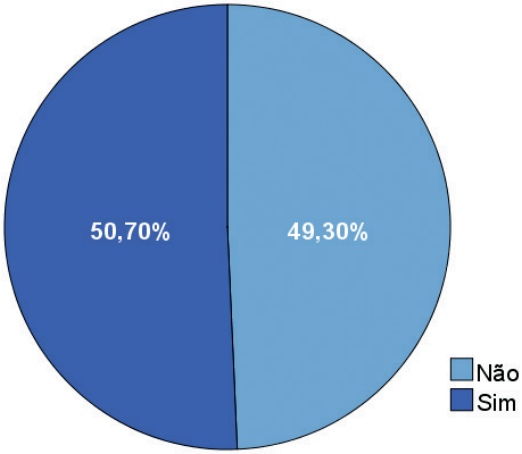
As próximas seções apresentam uma análise descritiva das quatro principais variáveis utilizadas na pesquisa, bem como dos fatores qualitativos apontados para cada uma delas. A seção 8 traz uma discussão sobre outras variáveis e fatores de interesse apontados pelos respondentes em duas questões abertas do questionário dedicadas a esse fim. As análises estatísticas para as variáveis foram processadas no *software* SPSS, enquanto as análises de léxico/texto das questões abertas foram orientadas pelo *software* Iramuteq.

4 PRIORIDADES ORGANIZACIONAIS

A seção do questionário referente às prioridades organizacionais foi concentrada na identificação e interpretação de como (ou se) a reorientação estratégica e mudanças de prioridades após a pandemia afetaram as atividades de cooperação internacional da unidade respondente. Nesse sentido, a primeira pergunta segmenta os respondentes entre os que tiveram ou não mudança de prioridades na organização após a pandemia. Supreendentemente, praticamente metade das instituições respondentes

(49,30%) informou que não houve mudanças de prioridades ou reorientação estratégica após a pandemia, conforme ilustra o gráfico 2.

GRÁFICO 2
Mudanças em prioridades organizacionais após a pandemia (2021)
(Em %)



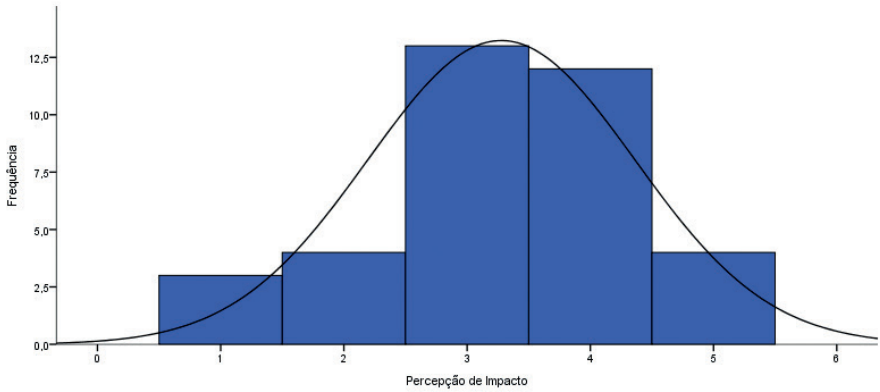
Fonte: Pesquisa *Impactos da Pandemia na Cooperação Internacional Brasileira*.
Elaboração dos autores.
Obs.: Gráfico cujos leiaute e textos não puderam ser padronizados e revisados em virtude das condições técnicas dos originais (nota do Editorial).

Entre as instituições em que efetivamente houve reorientação estratégica, foram propostas duas questões de percepção para aferir a relação entre a mudança de prioridades e a gestão das atividades de cooperação prestada e cooperação recebida da unidade organizacional.

Em relação aos efeitos na cooperação prestada, os respondentes consideraram o impacto moderado, com uma média de 3,28 a partir de uma escala Likert de 5 pontos. No caso da cooperação recebida, os respondentes também consideraram o efeito moderado, embora a média seja ligeiramente menor, de 3,14. A comparação gráfica não permite dizer que houve diferenças substantivas entre as duas modalidades de cooperação, no tocante aos efeitos da mudança de prioridades da organização (gráficos 3 e 4). A inexistência de diferença de efeitos parece consistente com o fato já observado no capítulo 3 deste volume: parte considerável das instituições não gerencia as suas atividades a partir das categorias de recebido/prestado, mas sim em formato de "rede de parcerias", como será comentado na seção 7.

GRÁFICO 3

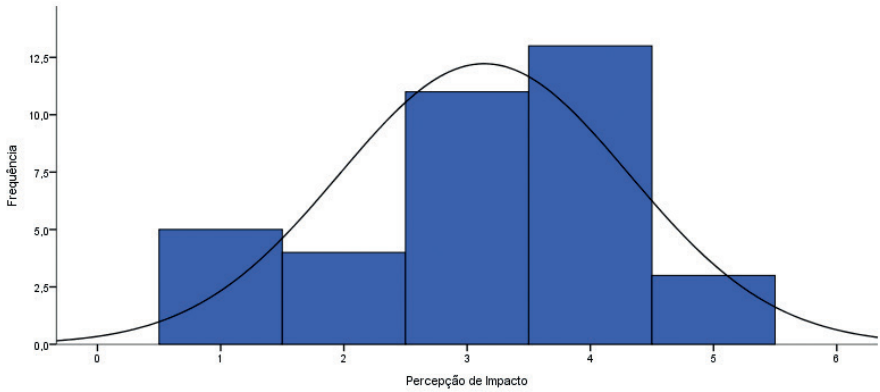
Percepção de impacto da mudança de prioridades organizacionais na gestão da cooperação prestada da instituição (2021)



Fonte: Pesquisa *Impactos da Pandemia na Cooperação Internacional Brasileira*.
Elaboração dos autores.
Obs.: Gráfico cujos leiaute e textos não puderam ser padronizados e revisados em virtude das condições técnicas dos originais (nota do Editorial).

GRÁFICO 4

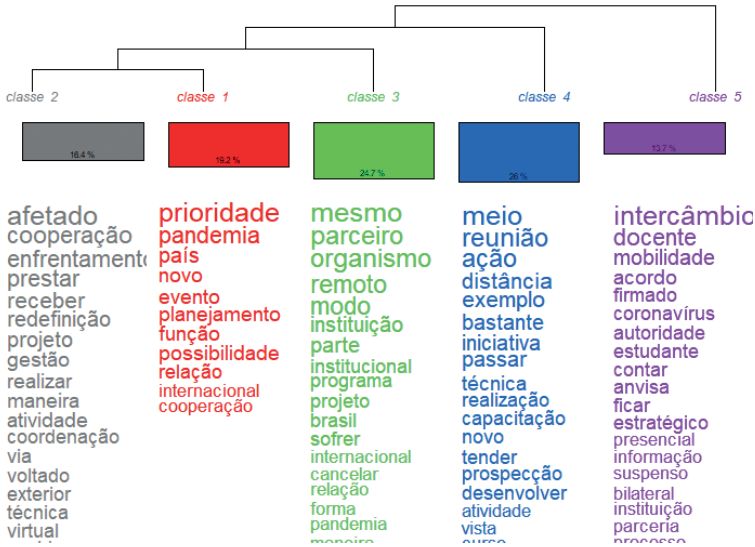
Percepção de impacto da mudança de prioridades organizacionais na gestão da cooperação recebida da instituição (2021)



Fonte: Pesquisa *Impactos da Pandemia na Cooperação Internacional Brasileira*.
Elaboração dos autores.
Obs.: Gráfico cujos leiaute e textos não puderam ser padronizados e revisados em virtude das condições técnicas dos originais (nota do Editorial).

Para cada classificação que resultou nos gráficos 3 e 4, pediu-se aos 36 participantes mais detalhes sobre o modo em que as atividades de cooperação foram afetadas pelas mudanças de prioridades. Assumindo que a unidade não diferencia a gestão das atividades de cooperação prestada e recebida, as respostas foram analisadas em conjunto. No total, e após exclusão de repostas que não atendiam ao comando das perguntas, foram analisadas setenta respostas únicas. Com o objetivo de compreender os padrões no conjunto das duas respostas abertas, utilizou-se um dendograma que classifica as palavras ativas dos setenta conjuntos de texto por classes (figura 1). Ao todo, foram formadas cinco classes de palavras.

FIGURA 1
Dendograma: prioridades organizacionais (2021)



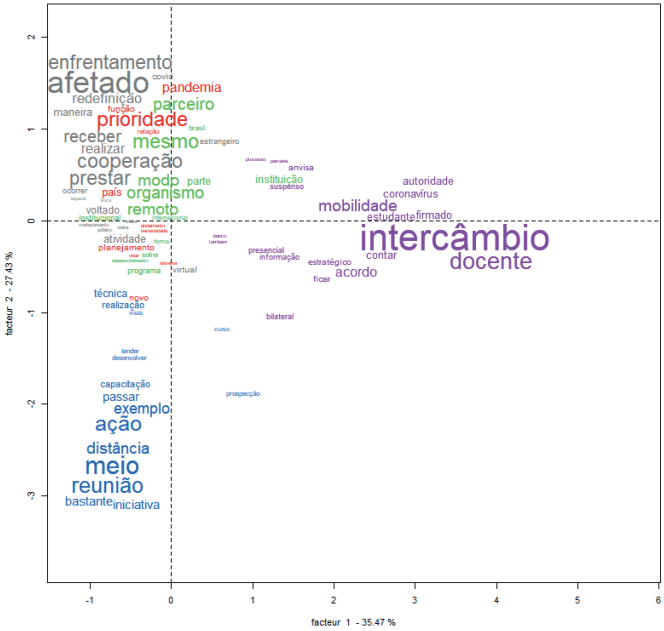
Fonte: Pesquisa *Impactos da Pandemia na Cooperação Internacional Brasileira*.
Elaboração dos autores.
Obs.: Figura cujos leiaute e textos não puderam ser padronizados e revisados em virtude das condições técnicas dos originais (nota do Editorial).

Em seguida, e de forma a facilitar a interpretação de quais palavras de cada classe teriam mais relevância nas respostas que serão alvo de análise, foi feita uma análise fatorial exploratória, representada pelo gráfico 5, que apresenta as palavras em diferentes tamanhos, de acordo com o grau de correspondência à classe de palavras a qual ela pertence. No geral, as palavras *afetado* (classe 2), *prioridade* (classe 1), *parceiro* (classe 3), *reunião* (classe 4) e *intercâmbio* (classe 5) emergem como orientadores para a análise.

Em relação à classe 2, parte das respostas se concentra nas soluções encontradas pelas unidades. Tais estratégias variam entre a migração para plataformas digitais, o cancelamento e a proposta de novos projetos de cooperação prestada e recebida (particularmente nas instituições de saúde). Com relação à classe 1, igualmente foram apontados cancelamentos de atividades e projetos de cooperação prestada e recebida, bem como a elaboração de novos planejamentos setoriais e o aumento na utilização de ferramentas digitais para a coordenação de atividades com parceiros externos.

Na classe 3, os focos foram no cancelamento de visitas técnicas presenciais e no reajuste de cronogramas e prazos de entrega de atividades e produtos. Além disso, o recurso a atividades remotas síncronas e assíncronas foi igualmente relevante. Na classe 4, o foco foi essencialmente na migração do trabalho presencial para o remoto, com destaque para o potencial limitado das ferramentas atuais na construção de conhecimento conjunto entre parceiros. Por fim, a classe 5 é essencialmente voltada para as instituições que possuem atividades de ensino, pesquisa e inovação. Os principais impactos apontados foram na mobilidade internacional e atividades de ensino-pesquisa de pesquisadores, estudantes e docentes, bem como no intercâmbio de informações nas possibilidades das ferramentas digitais disponíveis.

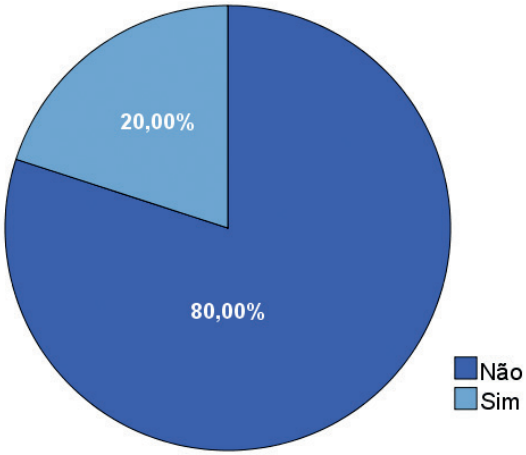
GRÁFICO 5
Análise exploratória: prioridades organizacionais (2021)



Fonte: Pesquisa *Impactos da Pandemia na Cooperação Internacional Brasileira*.
Elaboração dos autores.
Obs.: Gráfico cujos leiaute e textos não puderam ser padronizados e revisados em virtude das condições técnicas dos originais (nota do Editorial).

Para o grupo de 35 respondentes que declarou não ter havido mudanças em prioridades ou reorientação estratégica na organização, indagou-se inicialmente se haveria diferenças entre a gestão da cooperação prestada e recebida na unidade. Essa pergunta partiu do pressuposto de que, no grupo de respondentes em que a gestão das atividades não foi diretamente afetada pela pandemia, seria possível avaliar, de forma mais acurada, se as categorias de prestada/recebida fossem conceitualmente relevantes para as unidades de cooperação internacional. Dessa forma, não é surpreendente que 80% dos respondentes tenham apontado que não há diferenças do ponto de vista de gestão entre a cooperação prestada ou recebida, conforme indica o gráfico 6.

GRÁFICO 6
Diferença entre a gestão de projetos de cooperação prestada e recebida na unidade (2021)
(Em %)



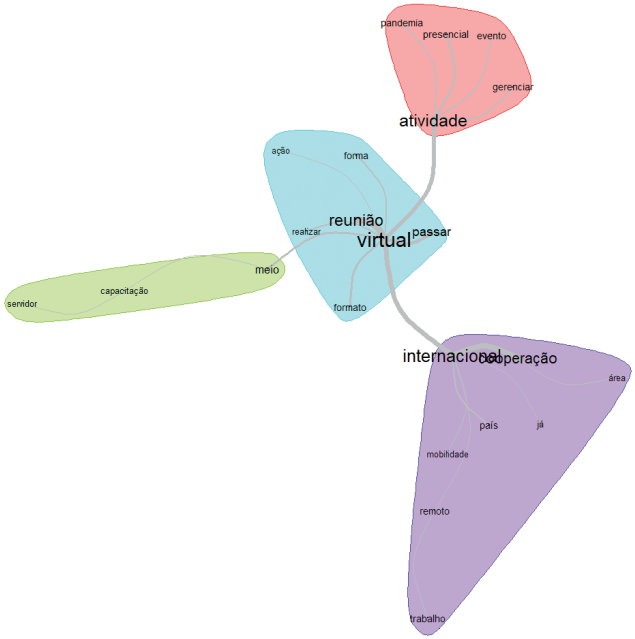
Fonte: Pesquisa *Impactos da Pandemia na Cooperação Internacional Brasileira*.
Elaboração dos autores.
Obs.: Gráfico cujos leiaute e textos não puderam ser padronizados e revisados em virtude das condições técnicas dos originais (nota do Editorial).

Independentemente da resposta fornecida sobre as diferenças na gestão de projetos de cooperação internacional recebida ou prestada, os respondentes foram instados a fornecer detalhes sobre a gestão das atividades de cooperação internacional da unidade. Após análise de forma, excluíram-se duas respostas, resultando em um total de 33 respostas válidas para a análise. Em virtude do reduzido número de respostas e pela retenção abaixo de 75% para qualquer modelo produzido, não foi possível utilizar o método de classificação de Reinert. Alternativamente, optou-se pela produção de uma análise de similitude para identificar comunidades de palavras ativas correlacionadas. A figura 2 apresenta os resultados da análise de similitude para as 33 respostas.

Grosso modo, há quatro comunidades de palavras distintas que podem ajudar na análise. No primeiro grupo, cuja frequência dominante é aquela da palavra *virtual*, observam-se a migração e o aumento dos processos de trabalho remotos. Contudo, e diferentemente das respostas do grupo em que houve mudanças de prioridades, foram apontadas dificuldades de adaptação ao formato virtual ou cancelamento de trabalhos, assim como eventuais problemas de integração e relacionamento de equipes. No segundo grupo, identificado pela palavra *cooperação*, destacam-se a tramitação eletrônica de processos/informações e o fortalecimento de estratégias de capacitação mediadas por plataformas digitais de ensino.

Em relação ao terceiro grupo, representado pela palavra *atividade*, há foco unânime entre as respostas sobre a continuidade das atividades em formato virtual, com ou sem o cancelamento de outras atividades que pressupunham etapas presenciais. Por fim, as respostas do quarto grupo (*capacitação*, *meio* e *servidor*) foram caracterizadas pela adaptação de estratégias de ensino e por observações sobre a produtividade média dos servidores em estado de teletrabalho.

FIGURA 2
Análise de similitude: prioridades organizacionais (2021)



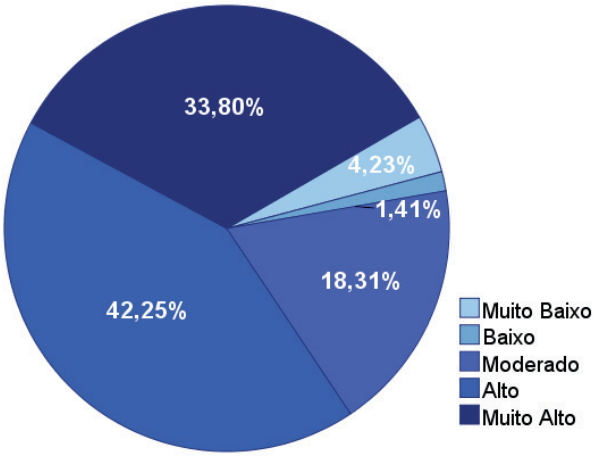
Fonte: Pesquisa *Impactos da Pandemia na Cooperação Internacional Brasileira*.
Elaboração dos autores.
Obs.: Figura cujos leiaute e textos não puderam ser padronizados e revisados em virtude das condições técnicas dos originais (nota do Editorial).

5 NÍVEL DE DIGITALIZAÇÃO

A segunda variável de interesse para a pesquisa foi o nível de digitalização ou de adaptação do trabalho de cooperação internacional ao formato digital, em virtude da pandemia. Embora houvesse várias formas de se computar o efetivo nível de digitalização, optou-se por capturar a percepção dos respondentes sobre o nível de digitalização das atividades de cooperação internacional em uma escala Likert de 5 pontos.

As respostas podem ser analisadas de duas formas, uma vez que há correspondência na escala entre rótulo e número na escala oferecida. Em geral, 76% dos respondentes classificaram o nível de digitalização como *alto* ou *muito alto*, resposta que é consistente com as percepções recorrentemente apresentadas pelos respondentes em todas as perguntas abertas do questionário. O gráfico 7 ilustra a divisão das respostas por categoria de escala *muito baixo* (1) a *muito alto* (5).

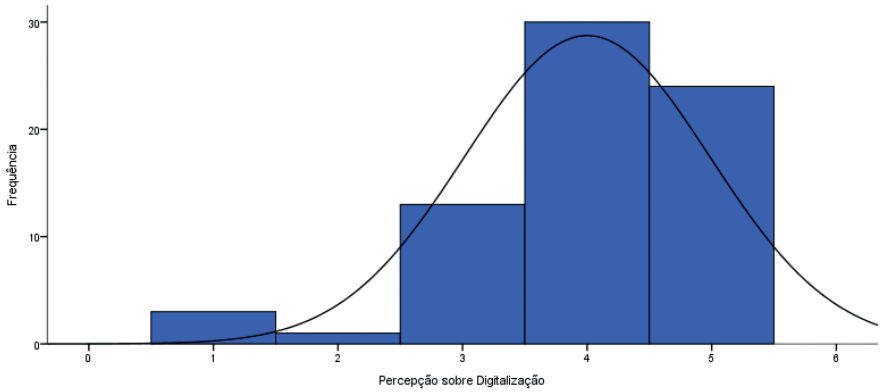
GRÁFICO 7
Percepção sobre o nível de digitalização das atividades de cooperação internacional após o início da pandemia (2021)
(Em %)



Fonte: Pesquisa *Impactos da Pandemia na Cooperação Internacional Brasileira*.
Elaboração dos autores.
Obs.: Gráfico cujos leiaute e textos não puderam ser padronizados e revisados em virtude das condições técnicas dos originais (nota do Editorial).

A análise da distribuição das respostas a partir de seus valores numéricos de 1 a 5 demonstra o considerável desvio para valores mais elevados, conforme apontado anteriormente. Embora média, mediana e moda coincidam em valores (4,00), a assimetria ilustrada no gráfico 8 alcança -1,198.

GRÁFICO 8
Percepção sobre o nível de digitalização das atividades após o início da pandemia (2021)

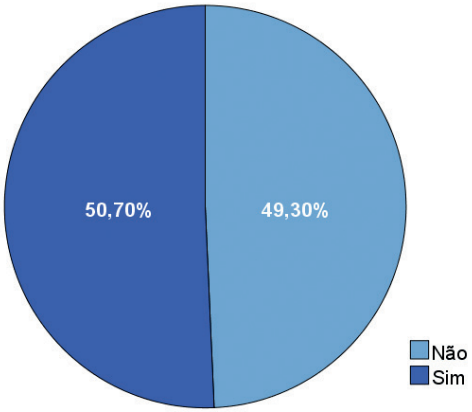


Fonte: Pesquisa *Impactos da Pandemia na Cooperação Internacional Brasileira*.
Elaboração dos autores.
Obs.: Gráfico cujos leiaute e textos não puderam ser padronizados e revisados em virtude das condições técnicas dos originais (nota do Editorial).

6 NÚMERO DE INFECTADOS

A terceira variável para a qual se coletou dados foi a relativa ao número de infectados na unidade de cooperação internacional. Como se trata tanto de informação sensível como de uma pergunta que potencialmente causaria desconforto entre os respondentes, optou-se por criar uma pergunta anterior de segmentação. Outra razão técnica que justifica a pergunta de segmentação é o fato de que muitos órgãos ou unidades não possuem a informação sobre o número de infectados de forma sistemática. Ou seja, qualquer pergunta que tente estimar o número de infectados nas unidades de cooperação internacional teria que necessariamente recorrer à percepção do respondente sobre o número de infectados, assumindo que ele(a) possui conhecimento sobre o fato. Nesse sentido, o gráfico 9 apresenta o percentual de respondentes que supõem conhecer o número de infectados por covid-19 em sua unidade (50,70%).

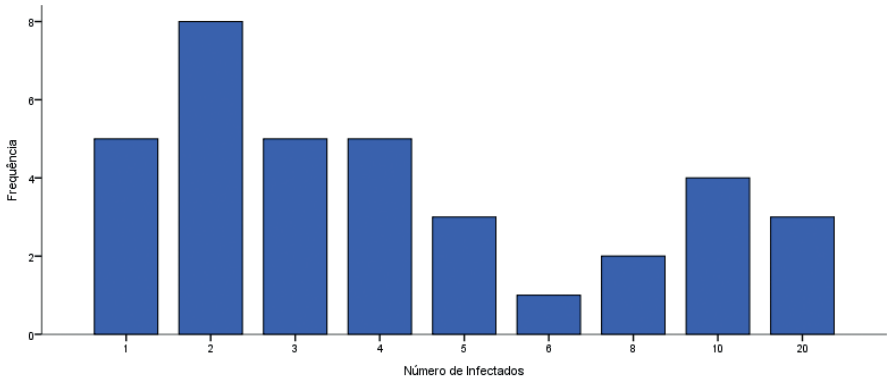
GRÁFICO 9
Informação sobre infectados por covid-19 na unidade (2021)
(Em %)



Fonte: Pesquisa *Impactos da Pandemia na Cooperação Internacional Brasileira*.
Elaboração dos autores.
Obs.: Gráfico cujos leiaute e textos não puderam ser padronizados e revisados em virtude das condições técnicas dos originais (nota do Editorial).

Para os 36 respondentes que afirmaram ter conhecimento sobre infectados, perguntou-se sobre o efetivo número de infectados na unidade. É fundamental notar que, como se trata de registro a partir da percepção do respondente sobre o número de infectados, não é improvável que o número esteja subestimado. Dois fatos podem corroborar isso: i) os respondentes normalmente reportam a partir da informação imediatamente disponível; e ii) os dados sobre contaminação por covid-19 dificilmente são segmentados nas instituições federais em nível de granularidade que alcance a todos. Como não há estatísticas consistentes sobre o tamanho das equipes nas unidades de cooperação internacional, não se pode ponderar sobre a grandeza dos valores apresentados para o número de contaminados. O gráfico 10 mostra a contagem de frequências para as respostas sobre o número de infectados, sendo "2 infectados" a resposta mais comum entre os 36 respondentes.

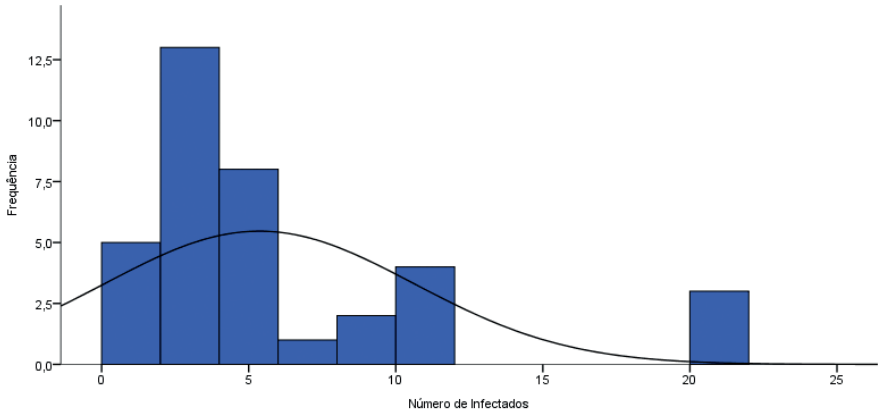
GRÁFICO 10
Número de infectados por unidade de cooperação internacional (2021)



Fonte: Pesquisa *Impactos da Pandemia na Cooperação Internacional Brasileira*.
Elaboração dos autores.
Obs.: Gráfico cujos leiaute e textos não puderam ser padronizados e revisados em virtude das condições técnicas dos originais (nota do Editorial).

Seja pelo pequeno número de respostas na amostra, seja pelas próprias características das unidades de cooperação internacional, a distribuição de frequências das respostas aponta para a grande variabilidade entre os dados, além de três respostas que são de dez a vinte vezes maiores que os valores mais baixos da distribuição. Nesse tipo de situação, nem média ou moda seriam bons descritores de tendência central. Em tais casos, sugere-se a utilização da mediana para estimar o número típico de infectados nas unidades de cooperação internacional da amostra, que é entre três e quatro pessoas por unidade. O gráfico 11 representa a distribuição dos dados informados pelos 36 respondentes sobre o número de infectados por covid-19 nas unidades de cooperação internacional.

GRÁFICO 11
Distribuição das respostas sobre número de infectados pelo vírus da covid-19 (2021)



Fonte: Pesquisa *Impactos da Pandemia na Cooperação Internacional Brasileira*.
Elaboração dos autores.
Obs.: Gráfico cujos leiaute e textos não puderam ser padronizados e revisados em virtude das condições técnicas dos originais (nota do Editorial).

Em virtude da sensibilidade do tema para os membros das equipes de cooperação internacional, optou-se por não incluir perguntas relacionadas ao eventual número de óbitos por covid-19. Considerou-se que o conhecimento desse dado não contribuiria para o objetivo central da pesquisa.

7 REDE DE PARCERIAS

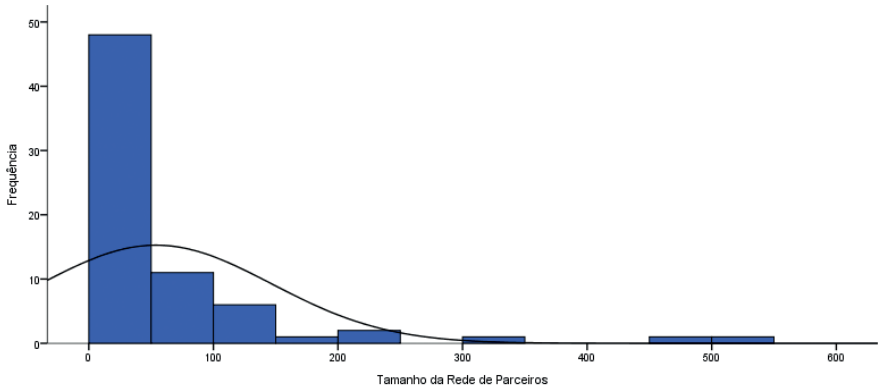
A quarta variável para a qual se coletou dados de forma padronizada foi a referente ao tamanho da rede de parceiros da unidade de cooperação internacional. Além de tentar produzir descrições sobre o tamanho das redes das unidades de cooperação internacional do governo federal, duas outras informações são igualmente importantes. A primeira está relacionada à existência de diferenças entre as redes de cooperação prestada e cooperação recebida nas instituições. A segunda, e em caso de diferenças entre cooperação prestada e recebida existirem, se também haveria diferenças no tamanho das redes. Ao contrário das perguntas abertas feitas ao longo de todo o questionário como estratégia de qualificação das respostas padronizadas, optou-se por incluir perguntas sobre as três principais parcerias das instituições.

A distribuição dos dados referentes as 71 respostas para a primeira pergunta sobre o tamanho direto da rede de parceiros demonstra grande variabilidade. Um dos fatores ajuda a interpretar parte da variabilidade e pode estar associado

à natureza do setor ou da área à qual a unidade de cooperação internacional se refere. Sabe-se que as instituições de ensino superior (IES) e as instituições judiciárias frequentemente poderiam contar com um número mais elevado de parceiros ativos, em virtude dos tipos de atividades que gerenciam. Todavia, mesmo essa ponderação não sana a existência de casos completamente desviantes, o que leva a crer que poderia haver uma confusão conceitual entre a rede de parceiros ativos da unidade e os acordos de cooperação assinados (com ou sem planos de trabalho ou projetos em vigor).

O gráfico 12 apresenta a distribuição dos dados referentes as 71 respostas. Nesse conjunto de dados, considera-se o efeito de valores que são claramente desviantes. Nessa distribuição, nem a média ou a moda seriam estimadores consistentes do tamanho da rede de parceiros das unidades. Utilizando a mediana da distribuição, o tamanho da rede poderia ser estimado como de dezesseis parceiros ativos.

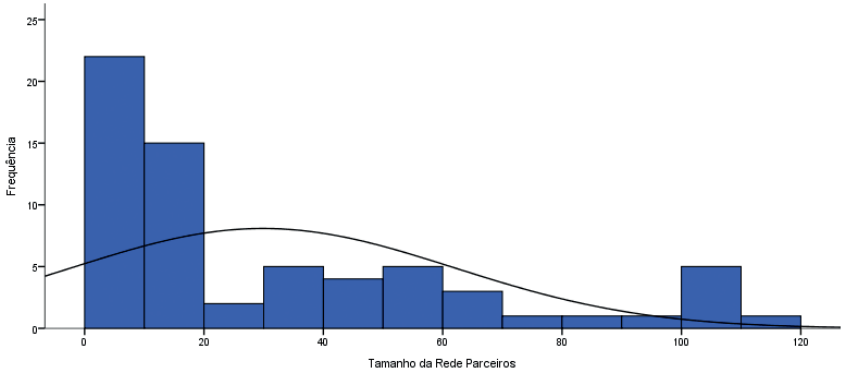
GRÁFICO 12
Distribuição das respostas sobre o tamanho total da rede de parceiros (2021)



Fonte: Pesquisa *Impactos da Pandemia na Cooperação Internacional Brasileira*.
Elaboração dos autores.
Obs.: Gráfico cujos leiaute e textos não puderam ser padronizados e revisados em virtude das condições técnicas dos originais (nota do Editorial).

Analisando os dados de forma mais detida, contudo, as respostas que estimam redes de parceiros maiores que 117 poderiam ser considerados desviantes. Considerando a exclusão de seis valores acima de 117 e optando novamente pela mediana como medida de tendência central mais consistente, é possível concluir que a rede de uma unidade de cooperação internacional teria de quinze a dezesseis parceiros ativos. O gráfico 13 apresenta a distribuição ajustada tendo por base 65 respostas.

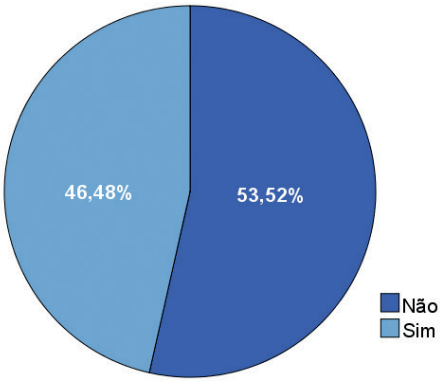
GRÁFICO 13
Distribuição ajustada das respostas sobre o tamanho total da rede de parceiros (2021)



Fonte: Pesquisa *Impactos da Pandemia na Cooperação Internacional Brasileira*.
Elaboração dos autores.
Obs.: Gráfico cujos leiaute e textos não puderam ser padronizados e revisados em virtude das condições técnicas dos originais (nota do Editorial).

Na sequência, indagou-se aos respondentes sobre a existência de diferenças entre as redes de cooperação prestada e recebida da unidade de cooperação internacional. O gráfico 14 indica que mais da metade das unidades não gerencia as suas redes de forma separada (53,52%), sendo consistente com a análise das demais perguntas e respostas abertas do questionário. De fato, e como discutido no capítulo 3 deste livro, diversas unidades parecem optar por um formato de gestão em rede. Nesse formato, as estratégias de ativação, cocriação de conhecimento e inovação parecem ser mais importantes que a natureza do parceiro em si.

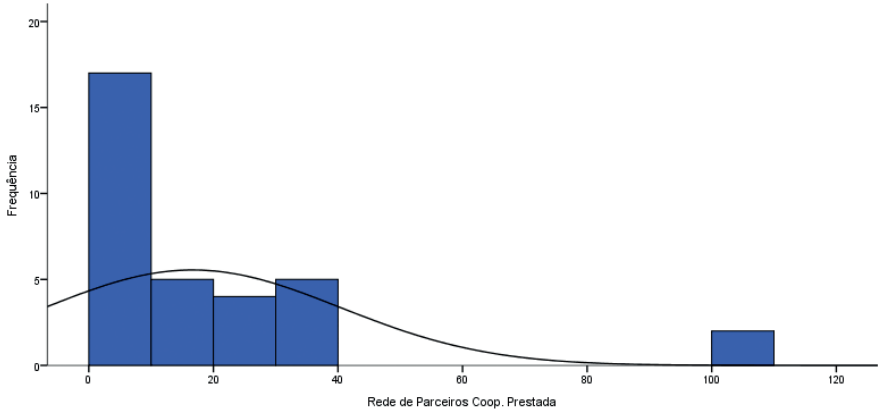
GRÁFICO 14
Diferença entre as redes de parceiros na cooperação prestada e recebida na unidade (2021)
(Em %)



Fonte: Pesquisa *Impactos da Pandemia na Cooperação Internacional Brasileira*.
Elaboração dos autores.
Obs.: Gráfico cujos leiaute e textos não puderam ser padronizados e revisados em virtude das condições técnicas dos originais (nota do Editorial).

Entre os 33 respondentes que afirmaram haver diferenças entre as suas redes de parceiros, indagou-se sobre qual seria o tamanho estimado da rede de parceiros na cooperação prestada. Da mesma forma que ocorreu na distribuição da rede geral de parcerias, foram constatados dois valores desviantes que influenciam a utilização da média como estimador. O gráfico 15 apresenta a distribuição das 33 respostas. Como a exclusão dos dois valores desviantes não produziu alterações na mediana da distribuição, pode-se estimar que a rede de cooperação prestada das unidades seria composta por oito parceiros ativos. Mesmo correndo o risco de redundância, é importante mencionar que essa estimativa seria válida somente para unidades que diferenciam as redes pelos critérios de prestado e recebido.

GRÁFICO 15
Tamanho da rede de parceiros na cooperação prestada da unidade (2021)



Fonte: Pesquisa *Impactos da Pandemia na Cooperação Internacional Brasileira*.
Elaboração dos autores.
Obs.: Gráfico cujos leiaute e textos não puderam ser padronizados e revisados em virtude das condições técnicas dos originais (nota do Editorial).

Por fim, perguntou-se tanto para as instituições que diferenciam as parcerias pelos critérios de prestado/recebido quanto para as que não o fazem para que identificassem seus três principais parceiros. Inicialmente, foi necessário tratar as respostas recebidas. Respostas que não enunciavam uma instituição parceira foram desconsideradas. Na sequência, e como uma estratégia de análise, as três parcerias de cooperação *prestada* ou *recebida* foram mescladas para os respondentes que fizeram essa diferenciação. Por fim, nos casos em que a instituição cooperante poderia ser representada por um país, optou-se por esse curso de ação. Especialmente, parcerias com institutos militares e entre IES foram convertidas pelo país de origem do parceiro indicado. Após as três etapas, o conjunto resultante de 134 entradas foi considerado para a construção da nuvem de palavras final, conforme a figura 3.

FIGURA 3
Nuvem de palavras: principais parceiros institucionais (2021)

Fonte: Pesquisa *Impactos da Pandemia na Cooperação Internacional Brasileira*.
Elaboração dos autores.
Obs.: Figura cujos leiaute e textos não puderam ser padronizados e revisados em virtude das condições técnicas dos originais (nota do Editorial).

Entre os parceiros bilaterais, quatro países aparecem com mais frequência: i) Portugal; ii) Estados Unidos; iii) Alemanha (via sua agência de cooperação, a Sociedade para a Cooperação Internacional, em alemão Gesellschaft für Internationale Zusammenarbeit – GIZ); e iv) Reino Unido. Em relação à cooperação multilateral, igualmente quatro parceiros foram mencionados como mais importantes: i) Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID); ii) OCDE; iii) Organização dos Estados Ibero-Americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI); e iv) Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). Um dado digno de nota é o fato de a Agência Brasileira de Cooperação do Ministério de Relações Exteriores (ABC/MRE) ter figurado entre os parceiros institucionais mais importantes de algumas instituições. Uma das explicações possíveis pode estar ligada à centralidade da agência na gestão de iniciativas de CSSD do Brasil.

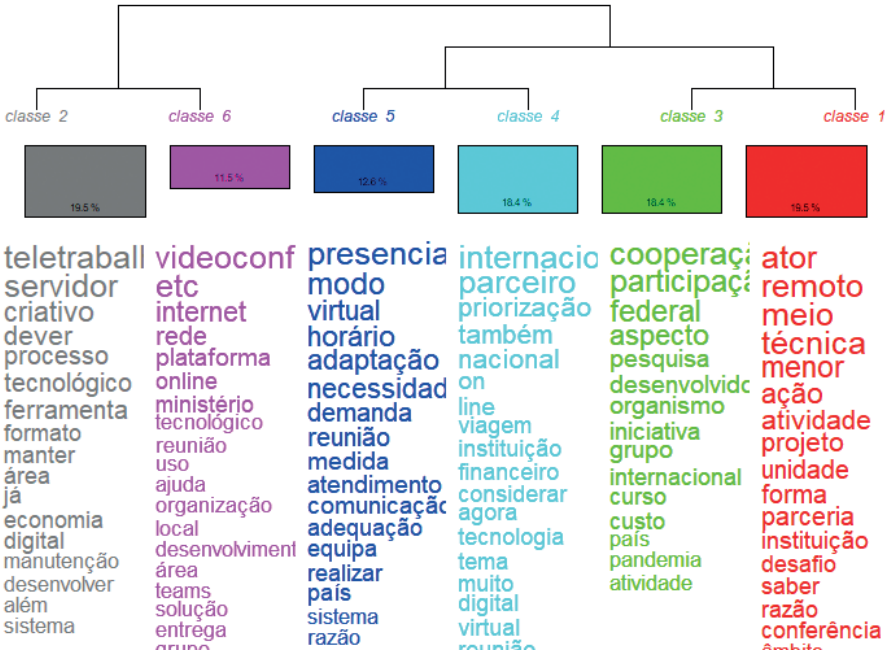
8 OUTRAS VARIÁVEIS

Como perguntas finais, a pesquisa buscou conhecer outras variáveis e fatores considerados importantes pelas unidades de cooperação internacional. Ao todo, foram feitas duas perguntas abertas que buscavam: i) levantar outros aspectos da gestão das atividades de cooperação internacional no contexto da pandemia; e ii) coletar outras medidas para

melhoria da gestão das atividades de cooperação internacional no contexto da pandemia. Embora importantes para a sequência do questionário *on-line*, tanto o objetivo subjacente quanto o objeto das duas perguntas são muito próximos. Por essa razão, optou-se por fundir todas as respostas para as duas perguntas em um conjunto de dados, o que potencializa o aprendizado a partir das técnicas de análise de léxico/texto.

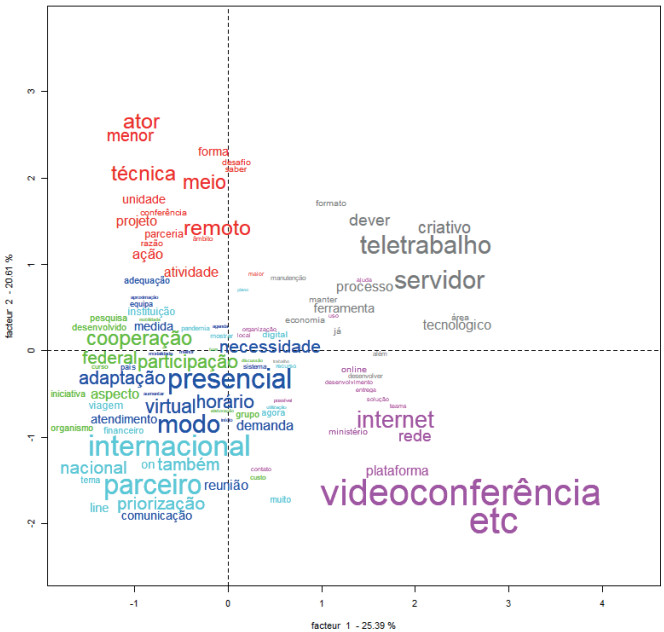
Para examinar as classes de palavras e as palavras ativas que poderiam orientar a análise, foi feito novamente um dendograma, que associa as palavras ativas mais próximas às classes de palavras. Em adição, um gráfico representando a análise fatorial exploratória das palavras ativas também foi elaborado, de forma a ajudar na seleção das classes e palavras que contribuiriam na análise dos segmentos de texto. Após a observação dos resultados, optou-se por orientar a análise a partir das palavras ativas *teletrabalho* (classe 2), *remoto* (classe 1), *videoconferências* (classe 6) e *parceiro* (classe 4). O resultado do dendograma pode ser visualizado na figura 4 e a análise fatorial exploratória, no gráfico 16.

FIGURA 4
Dendograma: outras variáveis (2021)



Fonte: Pesquisa *Impactos da Pandemia na Cooperação Internacional Brasileira*.
Elaboração dos autores.
Obs.: Figura cujos leiaute e textos não puderam ser padronizados e revisados em virtude das condições técnicas dos originais (nota do Editorial).

GRÁFICO 16
Exploratória: outras variáveis (2021)



Fonte: Pesquisa *Impactos da Pandemia na Cooperação Internacional Brasileira*.
Elaboração dos autores.
Obs.: Gráfico cujos leiaute e textos não puderam ser padronizados e revisados em virtude das condições técnicas dos originais (nota do Editorial).

Na análise dos textos relacionados à palavra *teletrabalho* (classe 2), as respostas estão essencialmente concentradas na regulamentação do teletrabalho e nas ferramentas que garantem a qualidade dos resultados e da relação entre os parceiros em formato 100% digital. A análise dos segmentos de texto associados à palavra *remoto* (classe 1) revelou que, embora a modalidade de trabalho remoto tenha se tornado majoritária durante a pandemia, há fatores como a desigualdade em termos de infraestrutura e proficiência de ferramentas digitais que são elementos que podem influenciar nas negociações de projetos de cooperação técnica, bem como no sucesso da implementação das ações.

Já a análise dos segmentos de texto relacionados à palavra *videoconferências* (classe 6) apontou que, mesmo considerando o aumento do volume de videoconferências, a efetiva condução dos processos de trabalho não pode presumir que todos os trabalhadores possuem recursos tecnológicos essenciais como computadores e *tablets* com configuração apropriada e uma infraestrutura de rede e nuvem que permita eficiência e segurança. Por fim, os segmentos de texto associados à palavra ativa *parceiro* (classe 4) revelam forte associação entre o nível de digitalização e a eficiência dos processos de trabalho e parcerias. As respostas apontam para

a otimização da relação com parceiros internacionais, a priorização de parcerias e igualmente a reativação de projetos e parcerias que, em contextos anteriores, se encontravam estagnados.

9 CONTAMINAÇÕES POR COVID-19 E TRABALHADORES DA COOPERAÇÃO INTERNACIONAL

Conforme comentado na seção 2 deste capítulo, o objetivo geral da pesquisa era levantar dados que permitissem entender a adaptação da cooperação internacional brasileira ao cenário de pandemia e, ao mesmo tempo, apoiassem uma interpretação mais acurada da queda/adiamento dos gastos brasileiros com CSSD. Uma das estratégias de coleta de dados foi a de identificar quatro variáveis-chave em torno das quais se pudesse alcançar o objetivo geral da pesquisa, sem prejuízo a outros fatores trazidos pelos respondentes nas várias perguntas abertas que compuseram o formulário *on-line* de coleta de dados.

Além da identificação das variáveis para orientar o levantamento de dados, optou-se também pela elaboração de conjecturas sobre a relação esperada entre elas. O pano de fundo para a elaboração de tais conjecturas foi a ideia de que determinados fatores específicos da área de cooperação internacional poderiam contribuir para o número de infecções por covid-19. Em outras palavras, propôs-se uma relação hipotética entre a variável dependente *número de infectados (infectados)* e as supostas variáveis independentes *mudança de prioridades (prioridades)*, *nível de digitalização (digital)* e *rede de parcerias (parceria)*.

Ao todo, a pesquisa recebeu 36 respostas completas para as quatro variáveis *infectados* (variável quantitativa discreta), *prioridades* (variável qualitativa nominal-binária), *digital* (variável qualitativa ordinal) e *parceria* (variável quantitativa discreta). Tal qual discutido na seção 7 deste capítulo, um exame mais acurado de cada uma das variáveis revelou que alguns valores desviantes em relação à variável *parceria* potencialmente enviesariam qualquer análise de correlação a ser proposta como modelo descritivo para as quatro variáveis. Nesse sentido, optou-se pela retirada de quatro valores que ajudaram a estabilizar a dispersão dos dados referentes a essa variável. Assim, o conjunto final de dados a ser considerado para a análise contém 32 observações para cada variável.

Antes de proceder à análise mais elaborada, porém, é importante conhecer as características e o comportamento de cada uma das variáveis, particularmente aqueles que ajudam a compreender se as distribuições atendem ou se aproximam dos critérios propostos para uma distribuição normal. No geral, e embora uma das variáveis apresente coincidência de valores em relação às três medidas de tendência central, os valores referentes à assimetria e à curtose dificultam a sustentação de testes paramétricos para investigar a relação entre essas quatro variáveis. A tabela 1, a seguir, descreve cada uma das variáveis.

TABELA 1
Descrição das variáveis (2021)

		Prioridades	Digital	Parceiros	Infectados
Número	Válido	32	32	32	32
	Ausente	0	0	0	0
Média		0,59	4,00	30,97	4,94
Mediana		1,00	4,00	16,50	3,50
Moda		1	4	10	2
Desvio-padrão		0,499	0,950	30,926	4,779
Variância		0,249	0,903	956,418	22,835
Assimetria		-0,401	-0,962	1,377	2,134
Erro-padrão da assimetria		0,414	0,414	0,414	0,414
Curtose		-1,967	1,486	1,057	4,712
Erro-padrão da curtose		0,809	0,809	0,809	0,809
Mínimo		0	1	3	1
Máximo		1	5	117	20

Fonte: Pesquisa *Impactos da Pandemia na Cooperação Internacional Brasileira*.
Elaboração dos autores.

De uma forma geral, quando as distribuições observadas não atendem a critérios predeterminados, recorre-se ao exame da correlação entre as variáveis a partir de um teste não paramétrico. Uma matriz identidade é uma forma de exibir o conjunto de todas as correlações binárias possíveis entre variáveis de interesse. Sabendo disso, optou-se por construir uma matriz identidade a partir de um teste não paramétrico conhecido como Rho de Spearman, normalmente destinado a casos em que a correlação entre duas variáveis resulta em uma função monotônica. Os resultados dos testes podem ser visualizados na tabela 2.

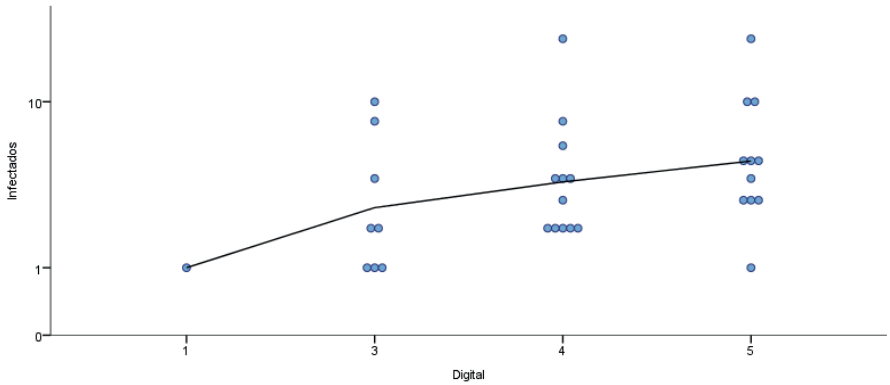
Averiguando os resultados da matriz identidade para a variável de interesse *infectados* (primeira linha da tabela 2, percebe-se que há uma correlação estatisticamente significativa entre essa variável e a variável *digital*. Uma relação é estatisticamente significativa quando a variação conjunta encontrada nos dados das duas variáveis é extrema o suficiente para que não seja apenas resultado do acaso. Ou seja, a correlação encontrada aponta para o fato de que as duas variáveis estão conectadas a um nível de significância de 95%. Construindo um gráfico de dispersão (gráfico 17) e corrigindo a escala para ilustrar a correlação entre as variáveis, e embora a função não se aproxime sobremaneira a uma função monotônica, é possível visualizar claramente a correlação positiva e estatisticamente significativa apontada de modo prévio na matriz identidade.

TABELA 2
Matriz identidade (2021)

			Infectados	Prioridades	Digital	Parceiros
Rho de Spearman	Infectados	Correlação coeficiente	1,000	0,111	0,388[1]	0,027
		Sig. (2-tailed)	-	0,544	0,028	0,884
		Número	32	32	32	32
	Prioridades	Correlação coeficiente	0,111	1,000	0,051	0,100
		Sig. (2-tailed)	0,544	-	0,781	0,584
		Número	32	32	32	32
	Digital	Correlação coeficiente	0,388[1]	0,051	1,000	0,092[1]
		Sig. (2-tailed)	0,028	0,781	-	0,617
		Número	32	32	32	32
	Parceiros	Correlação coeficiente	0,027	0,100	0,092	1,000
		Sig. (2-tailed)	0,884	0,584	0,617	-
		Número	32	32	32	32

Fonte: Pesquisa *Impactos da Pandemia na Cooperação Internacional Brasileira*.
Elaboração dos autores.
Nota: [1] A correlação é estatisticamente significativa a 0,05 (2-tailed).

GRÁFICO 17
Correlação entre números de infectados por covid-19 e nível de digitalização das atividades de cooperação internacional (2021)



Fonte: Pesquisa *Impactos da Pandemia na Cooperação Internacional Brasileira*.
Elaboração dos autores.
Obs.: Gráfico cujos leiaute e textos não puderam ser padronizados e revisados em virtude das condições técnicas dos originais (nota do Editorial).

Contudo, há um problema real no que se refere à correlação encontrada. A conjectura inicial sobre a relação entre o número de infectados e o nível de digitalização das atividades de cooperação internacional foi estabelecida como negativa a partir de uma observação fatual. Quanto menos exposto em ambiente

e deslocamentos referentes ao trabalho presencial, menor a chance de o indivíduo ser infectado pela covid-19. De outra forma, a relação entre essas variáveis não pode ser direta, a menos que haja outras variáveis de confusão mediando a relação entre elas.

Partindo do pressuposto de que as três variáveis independentes propostas são relevantes para o trabalho de cooperação internacional e que, entre as três, duas não apresentaram correlação estatisticamente significativa e uma possivelmente apresenta uma correlação significativa mediada por outra variável, então seria razoável considerar que os trabalhadores da área de cooperação internacional estariam expostos aos mesmos fatores de risco associados aos demais servidores e trabalhadores de outras áreas do governo federal. A revisão dos fatores adicionais sistematizados a partir das respostas abertas relacionadas às variáveis tampouco aponta para fatores que poderiam exemplificar quaisquer especificidades que justifiquem medidas especiais para o grupo de trabalhadores de cooperação internacional além daquelas já adotadas pelos serviços de gestão de pessoal e, de forma ampla, pelo Ministério e secretarias de Saúde.

10 PRINCIPAIS RESULTADOS

A pesquisa exploratória *Impactos da Pandemia na Cooperação Internacional do Brasil* teve como norte o levantamento de dados e informações que permitissem interpretar os efeitos da pandemia nas atividades de cooperação internacional do Brasil. Igualmente, a pesquisa também tentou coletar insumos para permitir uma discussão mais detalhada sobre a queda nos investimentos da CSSD brasileira ocasionada pela pandemia. A partir da análise dos dados, é possível apontar alguns resultados que potencialmente contribuem para entender tanto as características da cooperação internacional brasileira quanto as estratégias de adaptação. Nesse sentido, e ainda que limitado ao contexto dos dados referentes à amostra coletada, podem ser elencados oito aprendizados relevantes relacionados à cooperação internacional do Brasil, conforme a seguir.

1) Há relativa independência de algumas agendas internacionais em relação à mudança de prioridades organizacionais.

2) As classificações da cooperação como *prestada* e *recebida* podem ter se tornado irrelevantes em uma estrutura de governança baseada em rede nas instituições federais.

3) Há um alto nível de digitalização da maioria dos processos de trabalho relacionados às unidades de cooperação internacional do governo federal.

4) A taxa de contaminação pode ser estimada como sendo entre três e quatro pessoas por unidade de cooperação internacional no governo federal.

5) O tamanho estimado da rede de parcerias ativas das unidades de cooperação internacional é de quinze a dezesseis parceiros.
6) O tamanho estimado da rede de parcerias ativas para a cooperação prestada é de oito parceiros.
7) A confusão em algumas unidades de cooperação internacional entre a ideia de "parceiros institucionais" e o número de acordos assinados pela instituição com outras organizações é latente.
8) Os trabalhadores da cooperação internacional não parecem estar expostos a riscos específicos relacionados à natureza do trabalho do setor.

REFERÊNCIAS

BRAZEAU, N. F. *et al*. **Covid-19 infection fatality ratio**: estimates from seroprevalence. London: Imperial College London, 29 Oct. 2020.

IOANNIDIS, J. P. A. Infection fatality rate of covid-19 inferred from seroprevalence data. **Bulletin of the World Health Organization**, v. 99, n. 1, p. 19-33, 2021.

UN – UNITED NATIONS. **United Nations comprehensive response to covid-19**: saving lives, protecting societies, recovering better. New York: UN, Sept. 2020.

WHO – WORLD HEALTH ORGANIZATION. **2019 novel coronavirus (2019-nCoV)**: strategic preparedness and response plan. Geneva: WHO, Feb. 2020a.

_____. **A coordinated global research roadmap**: 2019 novel coronavirus. Geneva: WHO, Mar. 2020b.

_____. **Estimating mortality from covid-19**: scientific brief. Geneva: WHO, 4 Aug. 2020c.

_____. **Covid-19 weekly epidemiological update**. 55th ed. Geneva: WHO, 31 Aug. 2021.